

UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ EM ROUSSEAU E WINNICOTT

Angela Xavier

Universidade de Passo Fundo

angexavier2000@yahoo.com

Sandra Mara Kusiak

Universidade de Passo Fundo

sandra.kusiak@hotmail.com

RESUMO

A habilidade de comunicar-se nos estágios iniciais da vida do bebê não está apenas relacionada com a aquisição da linguagem verbal propriamente dita, mas também com o desenvolvimento de uma interação com o meio que o cerca, em especial através da comunicação pré-verbal estabelecida na díade mãe-bebê¹. Dessa forma, este artigo, tem por objetivo elucidar alguns aspectos da comunicação pré-verbal que ocorre na interação dessa díade à luz de contribuições teóricas de Rousseau e Winnicott. No diálogo entre os dois autores, encontram-se pontos de convergência e/ou divergência no que tange as formas de comunicação mãe-bebê, das quais se destaca a realizada através da amamentação e do choro como fatores que influenciam de forma significativa o desenvolvimento do bebê não apenas para a aquisição da linguagem verbal no período da primeira infância, mas também leva a desdobramentos na vida adulta.

Palavras-chave: Comunicação pré-verbal; Mãe-Bebê; Choro; Amamentação.

¹ Ao utilizar a díade mãe-bebê entendemos como mãe a pessoa que cuidará do bebê, dispensando amor a ele, quer seja mãe substituta (como em Winnicott) quer seja ama de leite (como em Rousseau).

ABSTRACT

We believe that the ability to communicate in the early stages of baby's life is not only related to the acquisition of verbal language itself, but also with the development of an interaction with the environment that surrounds it, particularly through communication preverbal established between mother and infant. Thus, in this article, we aimed to elucidate some aspects of preverbal communication that occurs in the interaction of this dyad in the light of the theoretical contributions of Winnicott and Rousseau. In the dialogue between the two authors, we find points of convergence and / or divergence regarding the forms of mother-infant communication, which highlight the place through breastfeeding and crying as factors that significantly influence the baby's development not only for the acquisition of verbal language during early childhood, but also leads to consequences in adulthood.

Keywords: Preverbal Communication; Mother-Baby; Cry; Breastfeeding.

Introdução

Não é de hoje que a comunicação na primeira infância é tema de inúmeras pesquisas (SESTINI, 2008; LYRA; ROAZZI, 2008; AQUINO; SALOMÃO, 2011). Dentre tais investigações, acreditamos ser de suma importância aquelas que dizem respeito à comunicação desenvolvida na díade mãe-bebê, pois é a partir dela que construiremos não apenas a linguagem verbal propriamente dita, mas também laços afetivos capazes de nos fortalecer enquanto seres humanos. Neste sentido, quando os membros da família fornecem o contexto no qual a criança possa se sentir desejada e amada, este bebê tem a oportunidade de se tornar um indivíduo feliz em função de um sentimento natural chamado de amor, assentando as bases de sua saúde mental (WINNICOTT, 1996).

Devido ao exposto, justificamos a importância deste artigo, cujo objetivo é debruçarmo-nos sobre a comunicação pré-verbal na primeira infância, à luz de Rousseau e Winnicott, uma vez que o primeiro autor vê a educação na primeira infância como a mais importante e o último nos diz que a relação que se estabelece na primeira infância irá influenciar todo o desenvolvimento da pessoa, sublinhando a importância da interação mãe-bebê. Convém ressaltar que não é nossa meta estabelecer uma comparação entre estes dois autores, haja vista que é impossível fazer isso se considerarmos que Rousseau era filósofo e teórico da educação, ao passo que Winnicott foi pediatra, psicanalista, e psiquiatra infantil, além de terem publicado suas obras em tempos distintos, porém estabeleceremos aproximações entre seus escritos no que se refere à comunicação mãe-bebê, buscando assim responder, a luz de Rosseau e Winnicott como ocorre a comunicação pré-verbal na interação mãe-bebê?

Assim, lançaremos nosso olhar, em especial para a obra *Emílio ou Da Educação* de Rousseau e *Os bebês e suas mães* de Winnicott, tendo em vista identificar as contribuições de cada um em três aspectos da comunicação quando o bebê não é capaz de entender o significado verbal das palavras: a confiabilidade comunicada pela mãe ao bebê através do *holding*, a amamentação, situação na qual o bebê desenvolve a agressividade e o choro, realçando a importância de

distinguir os desejos que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião, ou seja, aqueles que são necessidades daqueles que são caprichos.

A Comunicação na Interação Mãe-Bebê

Partiremos do pressuposto que a comunicação é uma necessidade do ser humano e que essa não ocorre somente em termos da fala e da escrita. É esta necessidade que impulsiona o desenvolvimento da linguagem pelo bebê (OLIVEIRA, 1999), a qual pode estar vinculada a quesitos hereditários, genéticos e estímulo do meio, sendo que este último pode ser propiciado pelo meio ambiente em si ou por parte de um adulto (mãe) com seu bebê.

Dessa forma, é na interação mãe-bebê que pode iniciar o processo para estabelecimento da linguagem, a qual é intrínseca à espécie humana, fundamental para troca interpessoal e faz parte do desenvolvimento natural. Nesta perspectiva, a linguagem é entendida como comunicação e precede o surgimento de palavras (BORGES; SALOMÃO, 2003).

Para Rousseau são os sentimentos que possibilitaram o desenvolvimento da linguagem. Segundo esse autor, a linguagem inicialmente teve o intuito de falar de sentimentos, no anseio de convívio social para superar as dificuldades da natureza, ao contrário das necessidades físicas que repeliam os homens como o frio, a sede e a fome (GUARISO; BARROS, 2011). Neste sentido, quando precisamos convencer ou sensibilizar alguém a fala faz-se necessária, diferentemente no momento da caça, individual, sem interações.

Se pensarmos numa relação de sentimentos, mais precisamente entre mãe-bebê, a comunicação existente entre eles inicialmente é pré-verbal, chamada de linguagem silenciosa por Winnicott, isto é, a habilidade de comunicar-se, a qual é fundada na interação pré-verbal estabelecida, sendo a mesma de extrema importância para a formação psíquica do bebê.

Dessa forma, a linguagem silenciosa é uma forma de comunicação que prevê que a criança neste estágio não precisa aprender palavras e sim que o bebê seja manipulado e segurado de forma satisfatória.

Winnicott chama atenção para as comunicações silenciosas usando, por exemplo, o verbo segurar e ampliando o seu significado. Para ele, no conceito de segurar (*holding*) “[...] teremos duas coisas: a mãe segurando o bebê, e este sendo segurado e atravessando rapidamente uma série de fases do seu desenvolvimento que são de extrema importância para a sua afirmação como pessoa.” (WINNICOTT, 1996, p. 86). Ao segurar seu filho, a mãe lhe comunica seu cheiro, sua respiração, seus batimentos cardíacos. Se ela segurá-lo “bem”, saberá que pode confiar sempre que estiver no colo daquele ser e sentir-se-á seguro, pois um bebê não lembra de palavras que foram ditas, mas das experiências que teve no colo da mãe.

Isso vai ao encontro de Winnicott (1996), quando afirma que o bebê não ouve ou registra a comunicação, apenas os efeitos da confiabilidade são registrados ao longo do seu desenvolvimento. Esta confiança que o bebê adquire em relação à mãe é devido ao amor humano, pois apesar de existirem falhas, essas são corrigidas pela mãe no seu devido tempo. O bebê toma conhecimento de falhas que foram corrigidas e a repetida correção gera um sentimento de confiabilidade e um padrão para a vida, evitando assim que o bebê seja uma criança carente. Ou seja, a linguagem silenciosa vai além do poder das palavras em si, o bebê não entende as palavras, “[...] a mãe pode, ou não, falar com seu bebê” (WINNICOTT, 1996, p.84). O que ele precisa é sentir-se amado e seguro.

Em outras palavras, o que se estabelece na interação mãe-bebê é uma comunicação pré-verbal. Neste ínterim, Rousseau procurou investigar a existência de uma língua comum a todos os homens e constatou que “Sem dúvida há uma: a que as crianças falam antes de saberem falar.” (ROUSSEAU, 1979, p. 45). Este processo de comunicação é definido por Rousseau como comunicação pré-verbal, isto é, a linguagem natural e comum a todos que as crianças manifestam antes de falar.

No pensamento rousseauiano, encontramos uma crítica ao princípio socialmente aceito em sua época acerca das mães no que diz respeito aos cuidados da criança na primeira infância ser uma tarefa da ama de leite. Apesar disso, Rousseau afirma que as amas – verdadeiras mães – “[...] entendem tudo o

que lhes diz o bebê; respondem-lhe, tem com ele diálogos muito pertinentes; embora elas pronunciem palavras, estas são perfeitamente inúteis; não é o sentido das palavras que o bebê entende, e sim o acento com que se acompanham.” (ROUSSEAU, 1979, p.45-46).

Em Rousseau, na comunicação pré-verbal o bebê expressa suas sensações agradáveis ou desagradáveis através das contrações do rosto ou da expressão dos sentimentos nos olhares. Winnicott e Rousseau enfatizam a importância da relação estabelecida entre mãe-bebê para que o bebê ganhe confiança e segurança, desta forma enfrentando o mundo que o cerca (MARTINS, 2009). Ambos abordam as falas da mãe com o bebê como palavras inúteis. A atitude por trás da verbalização tem sua própria importância (WINNICOTT, 1996), bem como a entonação que as acompanha (ROUSSEAU, 1979; WINNICOTT, 1996).

Esta interação mãe-bebê é extremamente importante para Winnicott, fato esse que se confirma quando em um debate em 1940 na Sociedade Britânica, Winnicott afirma, espantando a todos: “Não existe isso que chamam de bebê. O que quero dizer, naturalmente, é que sempre que vemos um bebê vemos também um cuidado materno e sem o cuidado materno não haveria bebê” (KHAN, 2000, p. 40 *apud* TOLEDO, 2009). Isso significa que há uma dependência absoluta nas experiências iniciais de vida de todo bebê (WINNICOTT, 1996).

Para Rousseau, as crianças não têm forças suficientes ao que lhe solicita a natureza. Por isso é preciso ajudá-las em suas necessidades físicas, proporcionando uma liberdade bem regrada atendendo assim suas necessidades naturais (ROUSSEAU, 1979).

Além de suprir as necessidades físicas, a mãe também é um ego-auxiliar para o bebê. Ele não consegue distinguir entre o “eu” e o “não-eu”, ele e a mãe podem viver como um só, para isso a mãe deve estar em um estado psicológico muito especial, a mãe é capaz de abandonar seu narcisismo e se identificar com o bebê, tornando assim o ambiente facilitador para o bebê (TOLEDO, 2009). Para Winnicott, a relação ambiente facilitador no início se dá unicamente entre mãe-bebê, com sua mãe suficientemente boa, “[...] ela é o bebê, e o bebê é ela.” (WINNICOTT, 1996, p. 4).

Conforme Winnicott existem dois tipos de bebês, aqueles que conseguem encontrar esse ambiente confiável e estabelecem a comunicação silenciosa a partir da interação do *holding* de sua mãe e aqueles que não tiveram o ambiente facilitador. Esses últimos recebem uma comunicação traumática, descrito por Winnicott como um estado de agonia e assim, o bebê não pode escolher entre se comunicar ou não, perdendo este direito.

Outra linguagem silenciosa que ocorre na interação mãe-bebê é o ato de amamentar como forma de comunicação. Ao abordar o tema amamentação, Winnicott (1996) deixa claro para que essa experiência seja bem sucedida, mãe e bebê devem estar de acordo. Isso significa que não se pode obrigar as mães a amamentarem seus bebês. Quando este processo não ocorre naturalmente, tanto a mãe quanto o bebê sofrem com isso e ao substituir o aleitamento materno por uma mamadeira, muitas vezes, experimenta-se uma sensação de grande alívio por ambas as partes, pois as necessidades do bebê estão sendo satisfeitas por ele estar ingerindo o alimento.

Na experiência da amamentação, quando bem sucedida, o bebê pode comunicar várias necessidades e até sentimentos a sua mãe. Informa a mãe se não quer mais leite, que está com calor, que necessita de mais calor, que está com cólicas e até que deseja atacar o seio materno. A mãe, de modo especial, comunica que se importa com ele e que está aí para ajudá-lo.

Além da amamentação possibilitar uma comunicação através do *holding* proporcionado pela mãe ao bebê, Winnicott (1996) considera a agressividade do bebê durante a amamentação como a observação mais importante neste campo. Inicialmente, há uma atividade vigorosa da gengiva podendo causar fissuras no mamilo e machucar o seio materno, porém neste período, o bebê não está suficientemente desenvolvido para que esta agressividade tenha algum sentido para ele. Após alguns meses, os bebês desenvolvem o impulso de morder, mas raramente mordem o seio com o objetivo de feri-lo. Nestas situações em que o bebê morde, arranha, chuta ou utiliza outras formas de tentar “destruir” a mãe, ela tem a função de sobreviver. Se nesta tentativa de “destruição” ela comunicar o amor, não agindo com retaliação, “[...] o bebê encontrará um novo significado para

a palavra amor [...] eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo” (WINNICOTT, 1996, p.26). Ou seja, a mãe se coloca num mundo que não é parte do bebê e reconhece a sobrevivência do objeto que foi atacado.

Rousseau na obra *Emilio* também deixa claro a importância da amamentação, não no sentido da comunicação entre mãe-bebê, mas no do fortalecimento da família. Defende que no momento “[...] que as mães concordem em amamentar seus filhos [...] os costumes reformar-se-ão sozinhos, os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações;” (ROUSSEAU, 1979, p. 21). Estes costumes, denominados anti-naturais por Rousseau, referem-se ao fato das mães desprezarem seu principal dever de cuidar dos filhos, nem sequer amamentá-los, confiando-os a outras mulheres. Livres de seus filhos, as mães se entregariam alegremente aos divertimentos da cidade. Nesse contexto, os membros da família mal se conheceriam. O fato da mãe passar a amamentar seus filhos provocaria mudanças na família, priorizando seu papel de mãe na “educação primeira”, a qual é a mais importante aos olhos de Rousseau.

Outra forma de comunicação teorizada em Rousseau e Winnicott é o choro do bebê. Para Rousseau, essa comunicação é a mais efetiva do bebê com alguém, sendo preciso identificar quando o choro manifesta uma necessidade natural e quando ele é uma necessidade de fantasia. Como nos diz Rousseau (1979, p. 46): “[...] se tem fome ou sede, chora; se sente muito frio ou muito calor, chora; se precisa de movimento e a mantém em repouso, chora; se quer dormir, e a agitam chora”. Ou seja, muitas vezes a criança aprende que por meio do choro pode satisfazer as necessidades que não passam de mero capricho, e caso seja atendida, ocorre o que Rousseau chama de corromper a natureza da criança. Assim, estes choros deixam de ser solicitações e se transformam em ordens.

Neste caso, é preciso identificar os “tipos” de choro. Winnicott (1957, *apud* Santos, 2000) distingue quatro tipos de choro: dor (pode ser causada pela fome, cólica...), raiva (como forma de conseguir aquilo que quer), tristeza (sentimento de perda) e satisfação (uma sensação prazerosa de exercício dos pulmões), que poderão se manifestar de acordo com o estágio de desenvolvimento que o bebê se encontra. Dessa forma, Winnicott e Rousseau afirmam que a mãe e o adulto não

devem ignorar o choro do bebê, mas serem cuidadosos e identificarem quando o choro precisa ser atendido (necessidade) ou não (fantasia).

Considerações finais

As reflexões delineadas a partir de Rousseau e Winnicott no que tange a relação entre mãe-bebê revelaram a importância da constituição da comunicação pré-verbal nos bebês. Afirmamos isso, pois essa comunicação quando bem sucedida fortalece os laços de amor entre mãe-bebê, criando um ambiente facilitador em que o bebê se sente amado e seguro, antes mesmo da existência da fala em si.

Examinamos no decorrer da exposição algumas experiências iniciais da vida do bebê, especialmente no que diz respeito à comunicação pré-verbal manifestada pelo bebê sob as formas da confiabilidade (*holding*), da amamentação e do choro.

Através do modo de segurar o bebê, durante a amamentação, a mãe se comunica com ele, seja pela respiração, pelo cheiro, pelas batidas do coração... e nesta circunstância o bebê é capaz de sentir se quem o está amamentando realmente o ama, transmitindo-lhe confiança. Vimos que Rousseau vê na amamentação uma forma de fortalecer o núcleo familiar e também como forma da mãe cumprir seu papel na educação na primeira infância.

Exploramos também que antes de falar uma língua, o bebê utiliza o choro para se comunicar. Este choro pode ocorrer devido a alguma necessidade fisiológica (sede, fome, ou por alguma outra questão, como por exemplo, o de sentir prazer ao ouvir a voz ou a vibração dos pulmões). Enfatizamos a importância da mãe ou cuidador analisarem cuidadosamente o tipo de choro para diferenciar uma necessidade de uma fantasia.

Enfim, constatamos que a família desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento do bebê, principalmente pela comunicação que ocorre na intimidade mãe-bebê, uma vez que ela em geral sabe o que o bebê está precisando e providencia as coisas que ele precisa e deseja, sendo esta comunicação determinante ao longo da vida.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Fabiola de Sousa Braz; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Intencionalidade comunicativa e atenção conjunta: uma análise em contextos interativos mãe-bebê. In: Rev. Psicologia: reflexão e crítica. p.107-115, 2011.

BORGES, Lucivanda Cavalcante. SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(2), p. 327-336.

GUARISO, Meyre Kross Galante de Carvalho. BARROS, Douglas ferreira. Linguagem, Natureza Humana e Sociedade no Discurso sobre a Desigualdade de Jean-Jacques Rousseau. In: Anais do XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas - set. 2011.

LYRA, Maria C. D. P; ROAZZI, Antonio. A Concepção das Mães sobre o Desenvolvimento da Comunicação Mãe-Bebê. In: Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 24 n. 1, pp. 019-028, 2008.

MARTINS, Maurício Rebelo. Educação natural na primeira infância em Rousseau e Winnicott. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio – histórico. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Tradução de Sérgio Milliet.3.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1979.

SESTINI, Ana Elisa. Interação social e comunicação na primeira infância. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-06062008-173748/>>. Acesso em: 06 dez 2011.

TOLEDO, Sabrina. Diálogo Tônico: A Silenciosa Comunicação Mãe-Bebê. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 193-205, 2009.

WINNICOTT, Donald W. Os bebês e suas mães. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

